

A consumação do fato representações da primeira semana do “Governo Lula” no telejornalismo da Rede Globo de Televisão

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer¹

Resumo

Este trabalho é uma análise da cobertura jornalista da Rede Globo de Televisão nos telejornais veiculados nacionalmente (**Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo**), na primeira semana em que o Presidente Luís Inácio Lula da Silva assume o Governo Federal. O trabalho considera a relação histórica entre a Rede Globo de Televisão e os diversos momentos de militância sindical e político partidária de Luís Inácio Lula da Silva, mostrando como a emissora atuou na cobertura das diversas campanhas em que ele foi candidato à presidência, mas se detendo de forma prioritária na análise das matérias que se referem de forma direta ou indireta ao novo governo, mostrando como, a emissora enfoca o novo presidente e que características atribui a ele mesmo, ao seu ministério, suas propostas e o seu governo.

Palavras-chave

Telejornalismo; Presidente Lula; Rede Globo

Abstract

This work is an analysis of the journalist covering of Rede globo de Televisão in the propagated national news (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo), in the first week when President Luís Inácio Lula da Silva assumed the Federal Government. The work considers the historical relation between Rede Globo de Televisão and the moments of syndical militancy and partisan politician of Luís Inácio Lula da Silva, showing how the sender acted in the covering of the campaigns where he was candidate to the presidency, but withholding with priority form in the analysis of

¹ Ana Carolina Rocha Pessoa Temer é doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Jornalista graduada em Comunicação Social na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Profissionalmente, é jornalista TV Universitária da Universidade Federal de Uberlândia e professora do Centro Universitário do Triângulo. E-mail: temer@triang.com.br

the substances that are relate direct or indirectly to the new government, and also showing how the sender focuses the new president and the characteristics attributed to him, to his ministry, his proposals and his government.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como **objetivo** compreender a linha editorial adotada pela Rede Globo de Televisão na cobertura jornalística da primeira semana do Governo recém empossado, Luiz Inácio Lula da Silva. O objeto de estudo deste trabalho é, portanto, o conjunto das matérias jornalística diretamente vinculadas ao Governo de Luís Inácio Lula da Silva, exibidas nacionalmente nos telejornais da Rede Globo de Televisão: **Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo**, durante os sete dias que se seguiram a posse formal do novo presidente, ou mais especificamente, entre o dia dois e oito de janeiro. Intencionalmente, não será analisado de forma direta o dia da posse do novo presidente e a cobertura ao vivo dessas festividades, uma vez que esse material tem um caráter diferenciado. Sobre isso é necessário acrescentar que ainda que alguns discursos do dia da posse sejam indicativos relevantes das predisposições do novo governo, a seleção/edição das partes que foram selecionadas e reapresentadas nos jornais dos dias que se seguiram à posse, citadas e/ou analisadas nos telejornais dos dias posteriores são elementos mais significativos para a análise realizada.

POR QUE O TELEJORNALISMO DA REDE GLOBO?

“Historicamente, o direito à comunicação corresponde ao passaporte da cidadania, ao instrumento que viabiliza a integração de cada indivíduo à sua comunidade” (MARQUES DE MELO, 1984, 98). No mundo moderno uma parte significativa dessa informação vem através da televisão. No que diz respeito ao Brasil, aliás, fatores históricos e estruturais fizeram com que a televisão se transformasse em principal – e em alguns casos única - via de acesso á informação para grande parte da população. Essa informação chega principalmente pelos telejornais, gênero mais importante em matéria de noticiário.

Embora nem sempre o governo e suas ações cheguem às telas de forma convencional, a política e, principalmente, os políticos (TEMER, 2002), são figuras constantes nos telejornais. Essa presença não é casual.

A mídia serve aos poderosos e os propaga, além de, em muitos casos, estar a serviço daqueles que representam esse poder. De fato, nos países em que o governo é totalitário, o monopólio ou o controle da mídia por meio da censura torna possível diagnosticar essa relação com certa facilidade. Nas sociedades democráticas e capitalistas, em que existe o conceito de liberdade de imprensa e a mídia está nas mãos de empresas privadas, é mais difícil identificar essa relação.

Em função disso, a análise do espetáculo político editorial pode levantar questões sobre a ética, a função política, social e cultural das mídias e as fronteiras entre o compromisso de informar e formar opiniões e, até mesmo, formar mitos, que forneçam indicadores importantes sobre a relação da mídia com o Estado.

De fato, ao se observar a história política brasileira é impossível negar que a eficácia dos resultados de eleições, reformas, planos econômicos e outras ações governamentais dependem muito da importância atribuída pelas mídias a essas questões. De muitas maneiras, aliás, a relevância de um fato político pode ser medida em função do tempo dedicado pelas mídias à sua cobertura.

De outra forma, no mundo atual a televisão ampliou de significativamente seu campo de ação e por meio da publicidade, do conteúdo ficcional e principalmente do telejornalismo, dá visibilidade a personagens e partidos. Assim, pode-se dizer que entre o Estado e a mídia há uma relação de poder, uma vez que os grandes grupos de comunicação hoje estão associados a uma “efetiva capacidade política de intervenção e alteração” (MARCONDES FILHO, 1993, 114).

No Brasil quando se fala de televisão de sinal aberto, a emissora de maior audiência, principalmente no que diz respeito ao telejornalismo, é TV Globo. O **Jornal Nacional** é o carro chefe do jornalismo da emissora, mas é inegável a importância dos demais telejornais.

A RELAÇÃO ENTRE O CANDIDATO LULA E A REDE GLOBO

Não por acaso, a preocupação com a comunicação por meio dos estudos da retórica sobre política nasce quase simultaneamente na Grécia antiga (século V a.C.). Como prática específica, a política ateniense exigia o debate público e esse exercício, por sua vez, exigia um esforço de retórica ou de comunicação. Marcada por essa origem, a comunicação foi primordialmente vista como “instrumento” no campo político.

Nessa perspectiva, tanto os jornais que proliferaram em torno da Revolução Francesa e de suas lideranças, quanto os pasquins políticos do século 19 no Brasil, por exemplo, atuavam como meros amplificadores das opiniões e idéias políticas e não como meios submetidos a alguma lógica oriunda da comunicação. (RUBIM, 2000, 19).

Os processos de democratização da sociedade e a própria evolução dos meios de comunicação de massa deram uma nova visibilidade às decisões que antes eram privativas de algumas esferas do poder.

Um ato vale politicamente não só pelo efeito induzido nas suas circunstâncias convivenciadas, mas primordialmente pelas repercussões que produz a distância na realidade-mundo, através da mediação operada pela comunicação mediática. Em outras palavras: ele vale, em boa medida, pelo ‘efeito mídia’ que se consegue introduzir no ato político (RUBIM, 2000, 58).

A capacidade da mídia – e em particular da televisão – de manipular a linguagem e a estética na captura do imaginário social faz dela um “...*poder que interfere de modo substantivo no jogo político contemporâneo, promovendo alterações.*” (RUBIM, 2000, 11). Ou seja, as mídias são elementos fundamentais para as operações políticas e entidades complementares no exercício do poder, realizado por meio da transmissão contínua de bens simbólicos e mercadológicos.

No decorrer da história da Rede Globo e, em particular, do telejornalismo da emissora, muitos momentos apontam a interferência da emissora no jogo político².

Aliás, vale lembrar que a história das empresas Globo de comunicação começa bem antes da Rede Globo de Televisão. O jornal O Globo circula no Rio de Janeiro desde 1925 e em 1944 é inaugurada a Rádio Globo.

A televisão teve a sua estréia oficial no Brasil com a Tupi de São Paulo, em 1950 e várias outras emissoras, em todo o país, entraram no ar antes que a concessão para estabelecer uma estação de radiotelevisão na cidade do Rio de Janeiro fosse outorgada à Rede Globo, em 30 de dezembro de 1957, pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

A TV Globo do Rio de Janeiro entra no ar em abril de 1965, um ano depois do golpe militar de 1964. No ano seguinte, a emissora chega a São Paulo com a TV

² No disputa Collor/Lula pela presidência em 1989, só para citar um exemplo.

Paulista, Canal 5, e a partir de uma estratégia bem montada assume a liderança de audiência em menos de quatro anos.

Essa estratégia começa antes da emissora entrar no ar, em 24 de julho de 1962, quando o empresário Roberto Marinho assina um contrato operacional com o grupo americano Time-Life, que previa auxílio financeiro e assistência técnica em troca de participação nos lucros futuros (STRAUBHAAR, 1983, 71). As emissoras concorrentes questionaram a legalidade do acordo, que é cancelado em 1968, com reembolso dos empréstimos de forma parcelada até 1971 de uma maneira que, aparentemente, beneficiou a Rede Globo.

A emissora também tirou proveito do incêndio que destruiu as instalações da Rede Globo-São Paulo em 1969. A partir daí, reinveste o dinheiro obtido pelo seguro e centraliza a produção dos programas no Rio de Janeiro.

Outro ponto estratégico é a criação do sistema de chamadas, que consiste em embutir em cada intervalo comercial um anúncio da própria emissora. Além disso, investe na formação de uma rede de emissoras afiliadas. Por fim, a Rede Globo também é a primeira empresa brasileira mediática a usar a pesquisa para conhecer o público consumidor, suas reações aos produtos oferecidos, e suas necessidades não atendidas de entretenimento e informação.

No decorrer da década de 70 a Rede Globo tem uma programação centralizada com pouco espaço para as produções locais e regionais, o que permite o estabelecimento de um padrão de qualidade, ou seja, uma planejada estratégia de marketing, que soma eficiência empresarial, competência técnica e atenção às necessidades subjetivas dos telespectadores (CARVALHO, 1980, 5). A partir dessa estratégia, a emissora busca prender o público em todos os horários. Sua grande eficiência é saber captar o sucesso obtido pelas outras emissoras, se apoderar dele, imprimindo-lhe o que a própria Globo viria a chamar de “padrão de qualidade”.

A partir de 1966 a Rede Globo investe em uma sofisticada horizontalização que, visando dar-lhe prestígio, inclui a idéia de um telejornal estrategicamente inserido entre as duas novelas de maior audiência da Rede.

Depois de consolidar a liderança de audiência, a Rede Globo coloca-se em posição de maior beneficiária da expansão e modernização dos serviços da sofisticada rede de microondas construída pelo Governo federal com o dinheiro arrecadado pelo Fundo Nacional de Telecomunicações e gerenciado pelo Ministério da Comunicação/Embratel.

A partir daí se estabelece uma conexão entre a Rede Globo e o Governo, em que os telejornais da Rede Globo oscilam entre a neutralidade aparente e o favoritismo explícito. Analisando o desenvolvimento do seu telejornalismo, pode-se dizer que o primeiro desempenho do jornalismo da Rede Globo a merecer atenção foi à cobertura da grande enchente do Rio de Janeiro em 1966. Especialista em *marketing*, Walter Clark manda colocar as câmaras na rua e transforma o estúdio do Jardim Botânico numa central de donativos (LINS DA SILVA, 1985, 31). A estratégia conquista a audiência da cidade.

Neste mesmo ano a Globo parte para a conquista o mercado nacional. Walter Clark via na formação de uma rede o elemento que iria fortalecer economicamente a televisão. Nessa estratégia era fundamental um telejornal que competisse com o Repórter Esso (o líder do horário noturno) e desse prestígio à Globo.

Com esse objetivo vai ao ar em primeiro de setembro de 1969 um novo modelo de telejornal no Brasil. Estrategicamente espremido entre duas novelas de grande audiência, com um cenário novo, belas imagens, um padrão “clean”, e uma locução formal e sonora com a fragmentação da notícia. Era o **Jornal Nacional**.

Por uma ironia, o telejornal dava os seus primeiros passos falando do Governo do qual seria acusado de ser o porta-voz *oficioso* (grifo meu). A notícia que marca a estreia do telejornal é a posse da Junta Militar, fato que marca o endurecimento do regime autoritário.

A convivência da emissora com a censura nem sempre foi fácil (SIMÕES, 2000), mas talvez o pior aspecto dessa convivência seja a autocensura “*que passou a ser adotada pelas próprias emissoras...*” (MATTOS, 2000, 115).

Entre cortes e constrangimentos, na década de 70 a emissora investe em inovações técnicas, que permitem o uso abundante de videotapes e agilidade nos cortes que tornam o **Jornal Nacional** – seja qual for o seu conteúdo - sempre agradável de ser visto.

Para isso, a Globo trabalha uma rígida censura estética interna (era proibido mostrar pessoas maltrapilhas ou desdentadas), onde a beleza dos cenários e novidades eletrônicas renovadas a cada ano faz com que no **Jornal Nacional** a sensação de prazer estético prevaleça sobre a informação.

Além do **Jornal Nacional**, o único a ocupar diariamente o horário nobre, a Globo produz também o **Jornal Hoje**, que estreou em 1971, e o Telejornal Internacional, posteriormente substituído pelo jornal Amanhã, apresentado por Sérgio

Chapelin. Já no final da década, em 1977, foi ao ar o Painel, logo substituído pelo **Jornal da Globo**, que persiste até hoje.

A empresa também investe grandes somas para deslocar suas reportagens para a rua, buscando imagens e noticiários que dessem mais dinâmica ao jornalismo. Em 1977 (BORELLI & PRIOLLI, 2000, 55) se iniciam as *entradas ao vivo*.

Além da censura, o telejornivo.

Além da censura, o telejornalismo problema constante da cronometragem do tempo. Cada notícia devia ter em média um minuto e meio e mostrar muita diversidade. O resultado era a superficialidade com que todos os assuntos eram tratados. O editor internacional do **Jornal Nacional**, Ricardo ARNT diz que:

“Fiz dezoito anos da era Brejnev em Imin13” (1991, 175).

Em 1979, antes da censura afrouxar suas amarras com a chamada “abertura”, acontece o primeiro encontro do jornalismo da Globo com o então líder sindical Luiz Inácio da Silva, ou Lula. Após “*uma década de silêncio imposto a ferro e fogo aos sindicatos*” (SIMÕES, 2000, 85) a Rede Globo realiza uma pobre cobertura da greve dos metalúrgicos no ABC paulista. “*No governo do General Ernesto Geisel (1975-79), o humor dos órgãos de repressão oscilava conforme o equilíbrio de poder entre os setores moderados e radicais do governo*” (SIMÕES, 2000, 83) e a Rede Globo se mostra claramente favorável aos patrões, obrigando os repórteres na rua a esconderem o logotipo da emissora.

Vagarosamente, no entanto, as coisas começavam a mudar. No final de 1979 foi realizada uma reforma partidária e em novembro de 1980 foi aprovada no congresso as eleições diretas para governador.

O fim da censura oficial no telejornalismo é efetivado no dia 3 de fevereiro de 1980, mas mesmo antes disso a Tupi usa o nome **Abertura** para criar um programa com conotações mais críticas. Logo em seguida entra em cena na TV Bandeirantes um novo programa, o **Canal Livre**, um programa com entrevistas “polêmicas”. Novos programas abrem espaço para mais debates: a TV Cultura apresenta o **Vox Populi**, a Rede Bandeirantes o **Encontro com a Imprensa e Crítica e Autocrítica**, e a TV Record o **Diário Nacional**.

No início de 1982 a semente com as experiências dos metalúrgico resulta um novo fruto: é concedido o registro ao Partido dos Trabalhadores que “representa uma opção socialista em torno do qual estão setores da classe operária, intelectuais e dos sindicalistas” (RODRIGUES, 1999, 16)

Enquanto a concorrência investe em ocupar o espaço proporcionado pela abertura “lenta e gradual”, dentro da Rede Globo, o espectro da censura interna ganha corpo: a partir do governo do presidente João Batista Figueiredo, o departamento de Jornalismo não recebeu mais nenhuma ordem da censura, mas a autocensura regula o que pode ou não ser colocado no ar (REZENDE, 1997, 126).

O jornalismo da Rede Globo não muda – ou muda muito pouco – e abre pouco espaço para questionamentos do Governo, adotando uma atitude quase sempre próxima à manipulação da informação.

Somente depois de passado o período de censura do Governo militar, Armando Nogueira começa a dar um novo rumo ao jornalismo da Globo. Lentamente, a emissora foi introduzindo um tom mais crítico, inicialmente restrito ao **Jornal da Globo**. Ainda assim, em 1982, o **Jornal Nacional** divulga levantamentos que prejudicavam o candidato ao governo do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (BORELLI & PRIOLLI, 2000, 61)³, numa complicada operação na qual a emissora tem a sua credibilidade questionada. O resultado das eleições - doze governadores do PDS, dez do PMDB e um do PDT – mostra que a parceria da Globo com o Governo federal não conseguiu, nesse caso, convencer a opinião pública.

Em 1983 a Globo cria o **Bom Dia Brasil**, a partir da fórmula do Bom Dia São Paulo. Nesse ano também os governadores do PMDB se comprometem a fazer uma frente suprapartidária a favor das eleições diretas para presidente, enquanto o PT promove em São Paulo um ato público com a mesma finalidade (RODRIGUES, 1999, 17).

Enquanto as acordos estavam sendo discutidos, o deputado do PMDB do Mato Grosso propõe a emenda a favor das eleições diretas no Congresso. A campanha pelas diretas começa a tomar fôlego em meados de 1983 quando um ato público em Goiânia reúne cinco mil pessoas. Os promotores do movimento eram Teotônio Vilela e Ulisses Guimarães, mas o PT esteve presente nos comícios e, não raramente, capitaneado por Luiz Inácio Lula da Silva.

A Globo ignora o movimento da Diretas Já até o ponto em que seus jornalistas se mobilizam para exigir a divulgação do assunto (MARQUES DE MELO, 1984a, 5-6). Relutante, Roberto Marinho autoriza a divulgação do comício realizado no

³ LINS DA SILVA refere-se ao episódio e o responsabiliza pelo “rompimento do caso de amor entre a Globo e os cariocas” (1985, 31).

Anhangabaú, em São Paulo, embora uma breve nota refira-se ao tema como parte das comemorações do 430º aniversário de São Paulo (REZENDE, 1997, 130).

A Globo divulga amplamente o comício de “um milhão de pessoas” no Rio de Janeiro e mantém sua posição até mesmo durante o breve ressurgimento da censura (a adoção de “medidas de emergência” pelo Governo federal), quando os jornalistas da emissora usaram adereços amarelos (cor símbolo do movimento) e se valeram de “expressões e comentários ambíguos na apresentação das notícias” (REZENDE, 1997, 131). A cobertura da votação, quando a emenda é rejeitada no Congresso, é ampla e inclui close nos artistas, nas expressões chorosas dos artistas da emissora engajados nessa causa.

Ampla também é a cobertura da campanha pela eleição de Tancredo Neves, e, quando ele adoece no dia da posse, a Globo e a imprensa brasileira de uma forma geral “faz uma das coberturas mais completas já vista no Brasil” (RODRIGUES, 1999, 14). O posterior falecimento de Tancredo Neves define José Sarney na presidência. O Governo militar e a censura tinham acabado, mas, durante o período Sarney, o Governo continua a pressionar para que os telejornais da Globo continuem afinados com os seus interesses. De fato, NOGUEIRA afirma que “*No episódio por quatro ou cinco anos de mandato, o Planalto exerceu sobre a Globo uma pressão sufocante*” (VIEIRA, 1991, 91).

Em 1988 realizam-se as eleições municipais em todo o país. Na maioria das grandes cidades vence a oposição, e o crescimento do PT é visível. Um ano depois, em 1989, ocorre a primeira eleição livre presidencial depois de 25 anos de ditadura.

A campanha é disputada, o “vale tudo” do horário eleitoral tem a participação de artistas de sucesso, acusações que ligavam o PT aos modelos comunistas radicais e vários níveis de acusações pessoais, que incluem acusações de ordem moral de uma ex-namorada do candidato do Partido dos Trabalhadores a presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Os resultados das urnas levam Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva para o segundo turno, mas na véspera da disputa final, a imprensa anuncia o seqüestro de um grande empresário brasileiro⁴. Em pouco tempo a polícia apresenta à imprensa os acusados do crime, alguns deles vestindo camisetas do PT, e diz haver

⁴ Abílio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar.

encontrado com os seqüestradores boa quantidade de propaganda pró Lula. A Rede Globo, como boa parte da imprensa nacional, dá ampla cobertura ao caso.

A emissora também realiza um grande debate entre os candidatos, em que Luiz Inácio Lula da Silva tem um excelente desempenho. O resumo do debate é exibido em duas versões: a primeira, menos parcial, no **Jornal Hoje**, e uma segunda, mais favorável a Collor de Mello, no **Jornal Nacional**. Segundo Armando Nogueira – então diretor do telejornalismo da Globo - essa nova edição foi feita à sua revelia (NOGUEIRA, 1991, 91), sinalizando o desgaste interno que precedeu a sua substituição por Alberico de Souza Cruz.

O novo diretor de telejornalismo da emissora inicia a década de 90 prometendo uma nova orientação para que seus jornais valorizem a notícia, o conteúdo informativo, incentivando a cobertura ao vivo.

Dentro dessa nova filosofia a emissora investe dois milhões de dólares (IMPrensa, 1995, 44) na cobertura da Guerra do Golfo e, no plano interno, desempenha um papel importante na cobertura do escândalo PC Farias, fato que seria decisivo para que a campanha pelo impeachment do presidente Fernando Collor de Mello ganhasse as ruas.

Em 1992, o telejornalismo dá mais espaço (e mais destaque) à dramática cobertura do assassinato de uma jovem atriz da emissora⁵ do que ao impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. (MATTOS, 2000, 152). E em 1994, o maior destaque do jornalismo é outra cobertura dramática, envolvendo o acidente e a morte do piloto Airton Sena.

Nesse ano se inicia uma queda na audiência. A equipe do **Jornal Nacional** leva um susto quando a audiência começa a despencar, chegando a 45 pontos. Para aumentar esse número, a Rede imita recursos utilizados com sucesso em outras emissoras e promete dar tratamento equânime a todos os candidatos na campanha presidencial que se aproximava.

Luiz Inácio Lula da Silva é candidato, mas o vencedor é Fernando Henrique Cardoso. Embora a manipulação evidente da campanha anterior não tenha se repetido, em 1995 uma pesquisa divulgada pelo Jornal Folha de S. Paulo (20/08/1995, TV Folha, 5) aponta que, para o público paulistano “a Globo é a emissora que mais apóia o Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso”.

⁵ Daniela Peres, assassinada por um colega de trabalho.

Mas antes mesmo da divulgação dessa pesquisa, novas mudanças atingem o jornalismo da Rede Globo: Roberto Irineu Marinho diz que é chegada a hora dos telejornais da casa cultivar a “independência de todo tipo de poder” e “se desvinculem de partidos e ideologias” (MARINHO, TV Folha, 5). Nas entrelinhas, o que se lia é que o jornalismo da Rede Globo queria se afastar das notícias estilo Voz do Brasil, assumindo uma nova postura.

O escolhido para Diretor da Central Globo de Jornalismo é Evandro Carlos de Andrade⁶, nome de confiança da família Marinho. O processo se consolida quando Marluce Dias da Silva substitui, na superintendência geral, José Bonifácio de Oliveira, o Boni. Outras mudanças começam a acontecer: a dupla Moreira/Chapelin é substituída por Willian Bonner e Lilian Witte Fibe, o **Bom Dia Brasil** parte para a conquista do público feminino, Mônica Waldvogel passa a editar e apresentar o **Jornal da Globo**, a editoria do **Jornal Hoje** passa a ser de responsabilidade de Fátima Bernardes e há um fortalecimento dos jornais locais e do jornalismo comunitário de uma forma geral.

Mas os números do Ibope, que já estavam apontando para baixo, continuam a cair e, em janeiro de 1997, o **Jornal Nacional** amarga os seus piores índices de audiência. A grande virada, em relação à queda na audiência, ocorre em abril de 1997, com uma reportagem-denúncia baseada no vídeo de um cinegrafista amador sobre a truculência policial em uma favela de São Paulo⁷.

Em setembro do mesmo ano, Andrade (Folha de S. Paulo, Ilustrada, 5-1, 25 setembro de 1997) aponta satisfeito a recuperação da audiência do **Jornal Nacional**, mas em 1998 depois dos “10 minutos dedicados ao show da Xuxa-Shasha” (DINES, 1998, 1), a emissora volta a amargar alguns índices baixos no Ibope, em parte devido a um novo programa popular lançado pela concorrente⁸; fenômeno neutralizado em abril, com a estréia de uma nova programação.

Em 1999 o **Jornal Nacional** completa 30 anos e, entre todas as mudanças que sofre nesse período, é visível a sua despolitização, além da “... *tendência a serialização e a inserção de narrativas da ficcionalidade em sua estrutura interna*” (BORRELLI & PRIOLLI, 2000, 66).

⁶ O jornalista Evandro Carlos de Andrade morreu na manhã de 25/6/2001, aos 69 anos, vítima de policitemia vera, doença rara que aumenta a produção de glóbulos vermelhos.

⁷ Favela Naval, situada em Diadema, na Grande São Paulo.

⁸ Programa do Ratinho, da TV Record.

Essas características permanecem no ano 2000 (TEMER, 2002), com a emissora apostando em matérias curtas e grande variedade de assuntos. Como fórmula para manter a audiência, a Rede Globo adota uma postura de crítica a máquina estatal, e investe em denúncias de grandes casos de corrupção. Dentro dessa perspectiva abre espaço para políticos (envolvidos em denúncias ou na apuração delas) mas não para a política, e dispensa à informação um tratamento quase sempre superficial.

Ainda fiel a essas características, a emissora promove uma ampla cobertura às eleições gerais de 2002, quando Luiz Inácio Lula da Silva é lançado candidato à presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores pela quarta vez. A Rede Globo se prepara para campanha tornando público um comunicado interno proibindo profissionais da Central Globo de Jornalismo que aparecem no vídeo ou que ocupam cargos de confiança, bem como profissionais com funções executivas (artísticas, jornalísticas, comerciais ou administrativas), atores, apresentadores, enfim, qualquer profissional que estiver participando de algum produto da empresa que esteja no ar de participarem de campanhas políticas.

Assim como em outras campanhas, os debates presidenciais foram peças importantes em 2002. A Globo promoveu dois destes debates um no primeiro turno e outro no segundo turno e embora observadores da área de comunicação (particularmente do Observatório da Imprensa) apontem que a emissora favoreceu de forma nem sempre sutil o candidato José Serra, uma observação não cronometrada indica que grosso modo o tempo destinado aos candidatos foi proporcional.

Por simpatia ou linha editorial, a emissora manteve a postura sutilmente favorável a Serra, mas foi fiel na divulgação das pesquisas e ágil na cobertura dos resultados. Foi também a primeira emissora a colocar no ar de forma independente o presidente eleito No domingo à noite, imediatamente após seu primeiro pronunciamento como presidente eleito, em uma entrevista exclusiva com Luiz Inácio Lula da Silva para o *Fantástico*.

O Fantástico realizou o impossível: pôs no ar um quadro no estilo "esta é a sua vida", lacrimoso mas também político, estrelado por ninguém menos que o presidente eleito, na noite de sua consagração triunfal.

Para Lula, a aparição não foi tão gloriosa como foi para a Globo. Houve algo de incômodo ali. Uma quebra de protocolo, digamos. Que não foi grave, por certo, mas incomodou. (BUCCI, 2002).

A PRIMEIRA SEMANA DO GOVERNO LULA NO JORNALISMO DA REDE GLOBO

BOM DIA BRASIL

| | | |
|--|-------------------------------------|--|
| de janeiro Ja neiro | 2 Empossado | Os dias que se seguem à posse prometem ser de muito trabalho. Festa e cumprimento dos amigos. |
| | Fernando Henrique Cardoso | Ex-presidente da República. Fernando Henrique cumprimenta colaboradores e embarca para Paris |
| | Primeiro discurso | Foi um dia de muito discurso. Os temas, caros ao presidente, foram aplaudidos no Congresso e nas ruas. A multidão na Esplanada acompanhava atentamente o discurso do presidente. |
| | Entrevista José Genoíno | Muito trabalho que é conseguir compor essa base do PT |
| | Agenda cheia para o novo ministério | Os novos ministros assumem efetivamente as pastas. Cerimônias de transmissão de cargo acontecem ao longo do dia |
| de janeiro | 3 Mão na massa | Já dá quase para antecipar o cenário: de um lado, a pressa para pôr em prática os programas sociais. Do outro, a realidade dos números. O jantar de ontem com Fidel Castro, presidente de Cuba, se estendeu. |
| | Com o pé direito | A bolsa de valores fechou em alta e o dólar começou o ano em queda. O risco-Brasil também caiu, em um claro sinal de confiança dos investidores na capacidade do país retomar o crescimento. |
| | Mercado | Muito bate-papo, leitura de jornal e poucos negócios. Com muitos investidores ainda em clima de feriado estendido, o movimento foi baixo. Mesmo assim, a sinalização ao primeiro discurso da nova equipe econômica foi positiva. |
| | Entrevista | A segurança pública é uma das principais |

| | | |
|---------------------|------------------------------------|--|
| | ta Ministro da Justiça | preocupações dos brasileiros. |
| 6 de janeiro | Entrevista Ministro da Saúde | Novo ministro para administrar antigos problemas. A lista das mazelas na saúde pública no Brasil é extensa, e o orçamento, embora alto, não aumentou. |
| | Ministro Roberto Amaral internado | O ministro de Ciência e Tecnologia do governo Lula, Roberto Amaral, está internado no hospital das Forças Armadas, com princípio de pneumonia. |
| | Mudanças na caravana de Lula | A caravana de ministros liderada pelo presidente Lula terá outro roteiro. A viagem ao semi-árido não vai mais começar por Guaribas, no Piauí. |
| | Presidente cuida do ombro | Lula se submeteu à segunda sessão de tratamento de fisioterapia. A dor no ombro vem incomodando o presidente desde a campanha eleitoral, resultado de uma inflamação. |
| 7 de janeiro | Declaração | Ministro diz que Brasil devia investir em tecnologia nuclear e até na Bomba Atômica |
| | Entrevista Ministro do Trabalho | As duas maiores centrais sindicais do país repudiaram as declarações do ministro do Trabalho, Jaques Wagner, sobre mudanças na legislação trabalhista. |
| | Entrev. Presidente da Petrobrás | Foi lançada ontem, no Rio de Janeiro, uma campanha para a construção de uma refinaria na Bacia de Campos, no norte do estado. O objetivo é aumentar a capacidade de refino do petróleo produzido no Rio. O Espírito Santo também está na briga para sediar a construção. |
| | Forças Armadas atuará nas estradas | Das rodovias do país, 40% estão em más condições, segundo levantamento do Ministério dos Transportes. O governo pediu ajuda às Forças Armadas para recuperar, construir e fiscalizar as estradas. |
| 8 de | Atração turística | Lá vem ele... O presidente... O carro pára, Lula desce. É mais uma sessão de beijos, abraços, declarações |

| | | |
|----------------|-----------------------------|--|
| janeiro | | de admiração. E de preocupação com a saúde do presidente. |
| | Lição de cidadania | O ministro, que foi alfabetizador voluntário, nos anos 60, em Pernambuco, usando o método Paulo Freire, quer que os estudantes também sejam voluntários. E acenou com mudanças na educação. |
| | Metas urbanas | A concentração urbana desordenada é a face cotidiana da pobreza no país. |
| | Entrevista com Olívio Dutra | Melhorar a qualidade de vida do brasileiro vai exigir uma ação coordenada entre todos os ministérios e dinheiro disponível. Esse é o desafio do Ministério das Cidades. |
| | Fim do pessimismo | Parece que o pessimismo externo em relação ao Brasil está sendo revertido e de uma forma bem mais rápida do que se esperava. O mercado também ficou muito animado com o discurso de posse do novo presidente do Banco Central. |

22 matérias

JORNAL HOJE

| | | |
|-------------------|--------------------------|--|
| de janeiro | 2 De Caetés para o mundo | A posse de Luiz Inácio Lula da Silva foi notícia de primeira página em todo o mundo. Jornais e emissoras de televisão destacaram a festa em Brasília e a intenção do novo presidente de acabar com a fome no país. |
| | Estréia do presidente | A agenda do presidente Luiz Inácio Lula da Silva está lotada no primeiro dia do novo governo. Na manhã desta quinta-feira Lula recebeu sete autoridades. Hugo Chávez e Fidel Castro |
| | Socorro -Hugo Chavez | Ontem o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, sugeriu a criação de uma única empresa formada pelas estatais dos maiores produtores de petróleo da América do Sul, que são Venezuela, Brasil, Argentina e Equador. |
| | Fim de | Depois de receber mais de 150 mil pessoas, Brasília |

| | | |
|--------------|-----------------------------------|--|
| | festa | amanheceu bem mais tranqüila. Muitas caravanas que vieram de longe para a posse já estão à caminho de casa. Mas muitos turistas ainda tentam prolongar um pouquinho mais a visita à capital federal. |
| | A vez dos ministros | O dia foi de solenidade e de transmissões de cargo em Brasília. Os novos ministros receberam oficialmente os cargos. |
| 3 de janeiro | Sem novos aviões | Adiada por um ano a licitação para a compra de novos aviões-caça para a Força Aérea brasileira. |
| | Opinião o <i>Franklin Martins</i> | Com a decisão de adiar por um ano a compra dos aviões que vão substituir os caças o governo mata dois coelhos com uma cajadada só. |
| | Dividir recursos | O combate à fome foi o tema principal da primeira reunião da equipe ministerial do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Planalto, em Brasília. |
| 4 de janeiro | Só o imprescindível | O Ministério dos Transportes suspende todas as licitações em andamento, inclusive para a construção e a recuperação de estradas federais |
| | Casa Própria | O ministro das cidades, Olívio Dutra , anunciou hoje de manhã, em Brasília, que vai criar um novo Sistema Nacional de Habitação. |
| | Mestre em baianês | O cantor, compositor e agora ministro Gilberto Gil, estreou no governo Lula com um discurso polêmico. Termos inusitados, como "do-in antropológico", provocaram polêmica nas ruas. Em Salvador, os conterrâneos tentaram hoje interpretar as palavras do novo ministro da cultura. Um cochilo na posse do colega de governo Lula, o ministro Antônio Palocci |
| | Governo de esperança | Com o início do novo governo, o Jornal Hoje foi ouvir aquela parcela de brasileiros que concentra o maior percentual de eleitores do presidente Lula: 64% dos jovens que têm até 24 anos votaram nele. E, agora, o que esperam para o Brasil? |
| 6 | Dura | Quando foi nomeado ministro da Educação, Cristovam |

| | | |
|-------------------|-----------------------|--|
| de janeiro | batalha | Buarque comprometeu-se a oferecer um ensino de qualidade para todos os brasileiros. Se há um tipo de escola que os jovens procuram é a profissionalizante. |
| | Caminho bloqueado | Toda a diretoria do Departamento de Infra-estrutura de Transportes deve pedir demissão ainda hoje. |
| | O Brasil da fome | A caravana de combate à fome do governo Lula pode ter um novo roteiro. A viagem do presidente e dos ministros da área social começará na próxima sexta-feira, mas, por ser muito longe, Guaribas, no Piauí, pode ficar fora. |
| de janeiro | 7 Lucro com o aluguel | O primeiro escalão do governo federal não quer saber de ostentação. Os ministros que estão à procura de casas para alugar querem sim morar no Lago Sul, bairro nobre de Brasília. Mas não estão interessados em casas grandes e luxuosas. |
| | Declaração Polêmica | O ministro da Ciência e Tecnologia, Roberto Amaral, nega que o Brasil vá investir na fabricação da bomba atômica. |
| | Sem concessão | A suspensão do bloqueio das contas do Rio de Janeiro pegou o Governo federal de surpresa. Mas o Planalto recorrerá dessa decisão. |
| de janeiro | 8 Gentileza perigosa | A Polícia Federal quer reforçar a segurança do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Desde a época de Juscelino Kubitschek, há mais de 40 anos, o Brasil não tinha um presidente que quebrasse tanto o protocolo para ficar próximo ao povo. |
| | Por maioria | O PT busca maioria no Congresso e quer os votos do PMDB, que tem de decidir primeiro de que lado está. |

JORNAL NACIONAL

| | | |
|-------------------|-----------------------------|---|
| de janeiro | 2 Primeiro dia novo governo | No primeiro dia de trabalho do novo governo, teve um pouco de tudo. De declaração de amor a um cochilo irresistível. A seqüência de posses e festas fez a ressaca |
|-------------------|-----------------------------|---|

| | | |
|-------------------|---------------------------|--|
| | | cívica que abateu até o novo ministro da Cultura. |
| | Posse novos ministros | O ministro da Justiça assumiu o cargo prometendo dar prioridade à segurança pública. E entre todas cerimônias de posse, a de Gilberto Gil foi a mais descontraída. |
| | Promessa s no social | Os ministros da área social receberam os cargos com promessas de uma nova política de preços para os remédios, fim do analfabetismo e um novo serviço telefônico para receber doações contra a fome. |
| | Saem velhos articuladores | Enquanto o presidente já despachava no andar de cima, os principais articuladores do velho governo entregavam os cargos. |
| | Propondo um pacto social | Esse pacto tem duas direções: é preciso defender o interesse nacional, a produção, o desenvolvimento do país, mas a contrapartida é a distribuição de renda, a justiça social, a eliminação da pobreza e da miséria”. |
| | Posse Palocci | A passagem de bastão no Ministério da Fazenda foi uma troca de botão. De posse do novo símbolo, o ministro Antonio Palocci . |
| | /repercussões no exterior | A imprensa americana fez uma cobertura equilibrada. A posse do novo presidente é a principal notícia de hoje do jornal “Los Angeles Times”. |
| | Alta nas bolsas | Foi o primeiro dia do mercado financeiro sob o governo Lula e, com poucos negócios, por causa do feriado de ano novo. |
| de janeiro | 3 Reajuste funcionários | Os 460 mil funcionários públicos federais em atividade reclamam perda salarial nos últimos oito anos. Em janeiro, tiveram 4% de reajuste ⁹ . |
| | Prostituição infantil | O ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, disse hoje que a prostituição infantil vai acabar no Brasil. Mas o desafio é grande. Em Porto Alegre, por exemplo, uma investigação da polícia revelou como atuam as quadrilhas |

⁹ O Governo continua discutindo esse reajuste, que não foi concedido.

| | | |
|---------------------|---------------------------------------|--|
| | | que exploram menores. |
| | Questão de prioridade | O ministro dos Transportes, Anderson Adauto, suspendeu todas as licitações para duplicação e construção de novos trechos de rodovias federais. Para o novo governo, a prioridade será a recuperação das estradas mais movimentadas. |
| | Política dos preços para combustíveis | A política de preços para os combustíveis vai ser mantida no início do novo governo. Hoje, o ex-senador José Eduardo Dutra assumiu o cargo de presidente da Petrobrás |
| | Primeira viagem lula | A primeira viagem internacional do presidente Lula será ao Equador, para a posse do presidente Lúcio Gutierrez, no dia 15. Na véspera, Lula receberá em Brasília o presidente argentino, Eduardo Duhalde, para discutir a reconstrução do Mercosul |
| | Base de apoio ao PT | O PT reuniu hoje a nova bancada na Câmara dos Deputados. E escolheu os líderes que vão coordenar a base de apoio do governo Lula no Congresso |
| | Compra aviões suspensa | O governo decidiu suspender por um ano a compra de novos jatos para a Força Aérea Brasileira. Cinco empresas e consórcios de gigantes do setor em todo o mundo disputavam a concorrência pública. |
| | Prioridade e Fome 0 | O presidente Lula pediu hoje austeridade e unidade na primeira reunião do ministério. O tema que dominou a reunião foi o Programa Fome Zero. O presidente quer todos os ministros envolvidos no combate à fome. |
| | Registro histórico | Militantes que foram a Brasília para a posse voltaram pra casa com a aura de testemunhas da história. Levaram na bagagem documentos do 1º de janeiro. |
| 6 de janeiro | Lula prepara caravana da fome | Foi divulgado hoje o novo roteiro para a viagem do presidente Lula com ministros no fim da semana. Os eleitores esperavam em frente ao Palácio da Alvorada. O presidente parou para mais uma sessão de abraços e fotos. |

| | | |
|---------------------|--------------------------------|--|
| | Deputados reajustam salário | Os deputados federais – que reajustaram os próprios salários e aumentaram os gastos da Câmara em R\$ 36 milhões por ano, agora querem mais. Já está pronto um pacote para reajustar outros benefícios. E o PT, do presidente Lula, apóia. |
| 7 de janeiro | Declaração sobre bomba | A declaração do ministro da ciência e tecnologia, Roberto Amaral, de que o Brasil deveria dominar o conhecimento da bomba atômica, provocou reações hoje em Brasília. O porta-voz da presidência esclareceu que o governo defende a pesquisa nuclear apenas para fins pacíficos. |
| | Dívida dos Estados | O Espírito Santo é um dos estados que enfrentam problemas financeiros. O novo governador foi hoje a Brasília pedir ajuda ao presidente da República. |
| | Mudanças na Previdência | O governo decidiu fazer uma grande consulta à sociedade para elaborar o projeto de reforma da previdência. O alvo principal das mudanças é nas aposentadorias de servidores federais. |
| | Lei de Responsabilidade Fiscal | A liminar que desbloqueou o dinheiro do Estado do Rio causou preocupação em especialistas em finanças públicas. Para eles, se a decisão for mantida, a Lei de Responsabilidade Fiscal pode estar em risco. |
| | Participação Forças Armadas | Este ano as Forças Armadas não deverão dispensar recrutas como no ano passado. Eles devem atuar em diversas áreas atendendo a pedidos de ministérios. |
| 8 de janeiro | PT precisa do Congresso | Para aprovar reformas, o PT precisa construir uma base de apoio no Congresso. O partido passou o dia fazendo costuras políticas – para garantir a presidência da Câmara. |
| | Viagem Lula | O presidente Lula e um grupo de ministros vão começar, depois de amanhã, a visita a algumas das regiões mais pobres do Brasil. A primeira parada será Teresina. Depois, irão todos ao Recife. |
| | BID | O Banco Interamericano de Desenvolvimento |

| | |
|---------------------------|---|
| anuncia empréstimo | anunciou o empréstimo de mais US\$ 6 bilhões ao Brasil para financiar projetos do governo Lula nos próximos quatro anos. |
| Segurança da presidência | Em Brasília, mais do que a política de segurança do governo, as discussões hoje eram sobre a segurança do próprio presidente. O estilo de Lula só faz aumentar as preocupações. |
| Segurança aos brasileiros | Tomou posse hoje, em Brasília, o homem responsável por tentar cumprir uma das maiores promessas de campanha do presidente Lula. Devolver a sensação de segurança aos cidadãos brasileiros. |
| Planos para previdência | O ministro da Previdência (foto) admitiu hoje discutir a cobrança de contribuição previdenciária dos funcionários públicos inativos. O novo projeto de reforma da Previdência deve ser apresentado ao presidente Lula em 90 dias. |

30 matérias

JORNAL DA GLOBO

| | | |
|---------------------|--------------------|---|
| 2 de janeiro | Primeiro dia | No primeiro dia como presidente empossado, Luiz Inácio Lula da Silva cumpriu à risca um dos compromissos assumidos ontem: o de ser o trabalhador número um do país. Logo cedo, já estava no Palácio do Planalto para o primeiro compromisso: tomar café com o presidente venezuelano Hugo Chávez. |
| | O petróleo é nosso | No primeiro dia como presidente, Lula também já pôde sentir as primeiras pressões. E pressões explosivas, como as da Venezuela. Em jogo, o futuro da exploração do petróleo na América Latina. |
| | Ombro cansado | Toda a tensão dos últimos dias e a maratona de cumprimentos e acenos, ontem durante a festa da posse, só fizeram piorar as dores no ombro do presidente Luiz Inácio Lula |

| | | |
|---------------------|-----------------------------|---|
| | | da Silva. |
| | Posse ministros | Nas cerimônias de posse dos ministérios, o tom foi de cordialidade, tanto dos que chegam, quanto dos que saem |
| de janeiro | 3 Articulação contra fome | Austeridade na gestão do orçamento. Todo o dinheiro que sobrar vai para o combate à fome. Foi este o recado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na primeira reunião ministerial do governo. |
| | A miséria de frente | Os moradores de Guaribas, no interior do Piauí, agradeceriam muito a ajuda de empresários que pretendem colaborar com o Programa Fome Zero. |
| | A dura vida de presidente | Cuidar do Programa Fome Zero foi apenas um dos inúmeros compromissos do presidente Lula nesta sexta-feira. Depois da reunião com todos os ministros, Lula despachou com alguns deles, separadamente. |
| | Sinal dos tempos | Houve um tempo em que governo nenhum ousava tomar medidas que desagradassem aos quartéis. Mas, sinal dos tempos, Luiz Inácio Lula da Silva decidiu adiar a compra de caças para a Força Aérea Brasileira. |
| | Empr esa Rentável Petrobrás | E o novo presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, tomou posse hoje. De todas as nomeações para a área econômica, a de Dutra foi a que recebeu menos entusiasmo pelo mercado |
| | de janeiro | 6 Declaração Intrigante |
| Batalhão do asfalto | | O Exército brasileiro vai ajudar a recuperar, a construir e a fiscalizar as estradas federais, até que o governo encontre um novo modelo de licitações |
| Além da fome | | A prostituição infantil revela o lado mais sórdido da pobreza. |
| Lua de mel com o | | Os três indicadores mais sensíveis do mercado tiveram um excelente comportamento nesta segunda-feira: a bolsa de |

| | | |
|-------------------|--|--|
| | governo | valores subiu, o dólar caiu e o risco-Brasil desabou. |
| de janeiro | 7 Solid riedade – Fome 0 | Vinte e quatro mil toneladas de alimentos já foram destinadas ao Programa Fome Zero pelas cooperativas agrícolas. O programa deve ser lançado ainda este mês, depois da viagem que o presidente faz com os ministros no fim de semana. |
| | Conv oção Ministério Educação | O ministro da educação quer transformar os universitários brasileiros em professores daqueles que não sabem ler nem escrever. Esta proposta para erradicar o analfabetismo foi feita hoje em São Paulo à União Nacional dos Estudantes |
| | Minis tério de Peso | Em vez de elogiar os antecessores, como fez a maioria dos ministros de Lula, o economista Guido Mantega tomou posse no Planejamento disparando críticas. |
| | Foto com presidente | Você vai ver agora um exemplo de persistência. Alguém que saiu de longe. Percorreu um longo caminho até Brasília... Tudo para tentar uma foto com o presidente da República. |
| de janeiro | 8 Posse B. Central | O discurso de posse do novo presidente do Banco Central repercutiu bem no mercado financeiro. O dólar caiu ainda mais e chegou ao patamar dos R\$ 3,30. |
| | PMD B e governo | Entra ano, sai ano, e a vocação do PMDB para noiva cobiçada não muda. O partido tem uma bancada de peso. Suficiente para mudar os rumos das reformas. |
| | Milita res e estradas | A construção de estradas não é exatamente uma das prioridades das Forças Armadas, mas o Exército tem, sim, pessoal e capacidade técnica para cuidar pelo menos de uma pequena parte das rodovias brasileiras. |

20 matérias

ANÁLISE DOS DADOS

A Rede Globo de Televisão exibiu na primeira semana do “Governo Lula”, 93 matérias com referência direta ao novo presidente, novo governo ou aos novos ministros/nova equipe ministerial ou ainda nova equipe econômica, sendo que, em 34

matérias, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva está citado nominalmente, seja como “Presidente Lula” ou como Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mas em geral pelas duas denominações em momentos diferentes na mesma matéria. Em apenas cinco matérias constam somente a expressão “novo governo”, presente principalmente nas notas sobre o comportamento da economia; em 38 matérias são citados nomes de ministros ou daqueles que assumiram cargos no primeiro escalão.

O grande número de matérias – beirando 50% do total de matérias exibidas no período - não é surpreendente. Um jornalista experiente diria que o jornalismo não pode deixar de dar destaque – qualitativo e quantitativo – à substituição de um presidente. No entanto, HERMAN e CHOMSKY (2003, 77) mostram que a relação de dependência econômica entre a mídia e o Estado não pode ser entendida apenas pela equação do material de propaganda direta ou indiretamente pago para ser exibido. Uma forma de racionalizar a produção jornalística é trabalhar com “fontes confiáveis”, que tenham credibilidade e fartura de material. O Estado, por meio de suas assessorias de imprensa, é um grande provedor de notícias “confiáveis e importantes” e assim a mídia instintivamente conta com esse fornecimento de material para garantir o fechamento dos jornais/telejornais.

Do número total de matérias apresentadas, o **Bom Dia Brasil** contém 22 e o **Jornal Hoje** 20 matérias, o **Jornal Nacional** 30 e o **Jornal da Globo** 20 matérias. A análise desses números confirma o **Jornal Nacional** como o mais abrangente e com maior número de matérias (embora quase sempre menores). O número aproximado de matérias do **Bom Dia Brasil** e do **Jornal Hoje**, no entanto, apontam caminhos diferentes: o **Bom Dia Brasil** tem matérias maiores, inclusive com entrevistas mais longas, enquanto o **Jornal Hoje**, o mais enxuto da casa, tem matérias menores e mais rápidas. O **Jornal da Globo**, mantendo o seu padrão anterior, trabalha basicamente com reflexões sobre temas e matérias já exibidos nos seus jornais anteriores.

Embora não contenham referências diretas ao novo presidente/novo governo (e portanto não sejam parte objetiva da análise deste trabalho) foram consideradas algumas matérias que, de forma indireta, tinham relação com o novo presidente/novo governo. É o caso das matérias sobre economia que, como aquelas que citam nominalmente o novo presidente/novo governo, relacionavam as flutuações do mercado à mudança no quadro político brasileiro, e de uma forma geral mantinham uma postura positiva. Mas também estão nesse caso as matérias sobre a greve geral/instabilidade social na Venezuela, cujo destaque nos noticiários da Rede Globo ganham um significado diferenciado quando se

soma ao conteúdo das matérias veiculadas no dia 2 de janeiro de 2003, em que o telejornalismo da Rede Globo reafirma a amizade do “presidente Lula” com o presidente Hugo Chaves.

Separadas por tópicos, quatro matérias se referem ao assédio dos fãs/admiradores do “presidente Lula” e aos problemas que esses fãs causam à segurança; duas se referem diretamente ao problema da bursite/dor no ombro do presidente (além de outras referências indiretas, como uma matéria explicando o que é bursite) enquanto cinco matérias se referem às articulações para o novo governo trabalhar com maioria nas casas do legislativo.

O projeto Fome Zero, prioridade do novo presidente/novo governo, é tema de 12 matérias, mas nesse conjunto convém destacar que quatro abordam especificamente a viagem do novo presidente e sua equipe pelas regiões “mais pobres do país”. Ainda sobre esse ponto, convém lembrar que o jornalismo da emissora sem jamais negar a importância dessa viagem, é bastante crítico sobre a sua organização, postura que também assume no que diz respeito à logística para a implantação do projeto Fome Zero.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

As relações entre o Estado e a mídia são quase sempre complexas. No caso específico da televisão no Brasil, é preciso ir mais além da relação histórica de interesses comuns, incentivos e trocas de benefícios. Ao mesmo tempo em que convivem com uma legislação restritiva que inclui a possibilidade de concessões e cassação de suas concessões, as emissoras de televisão dão visibilidade ao Estado, possibilitando a difusão de suas idéias (ideologias) e tornando-se elementos facilitador (ou dificultado) na realização de projetos, que envolvam mobilização e conscientização de um grande público.

Mais do que isso, grandes empresas como a Rede Globo de Televisão desenvolvem campanhas de “ações sociais” – como o “Criança Esperança” – em que consolidam ou reforçam a sua imagem junto a audiência (TEMER, 2002), muitas vezes explorando a “ineficiência” da máquina estatal.

A linguagem assumida pelas mídias e pelo Estado nesses “compromissos sociais” é bastante similar e em alguns casos até mesmo complementares ou cúmplices. No entanto, o fato de assumirem discursos semelhantes e até desenvolverem ações

paralelas ou complementares não apaga as contradições ou mesmo a diversidade de interesses que envolve as duas partes.

No caso específico da relação da Rede Globo de Televisão com o recém empossado Governo Lula, essas contradições vazam no conteúdo do telejornalismo da emissora. O percurso histórico e a situação financeira atual da emissora (que não atravessa a sua melhor fase), o compromisso com a audiência e uma série de posturas que o telejornalismo vem assumindo em função da manutenção dessa audiência, gera uma ambigüidade nas representações que a Rede faz do “novo governo”.

Nessas contradições, alguns elementos merecem ser destacados. BOURDIEU (1989) afirma que a força do homem público advém da confiança – ou seja, votos – nele depositados pela população. Os números que elegeram Luiz Inácio Lula da Silva, confirmados pela expressividade da festa realizada no dia da sua posse, vêm transformá-lo em um “ungido”, um campeão na qual os eleitores depositaram “suas maiores esperanças”. De muitas formas, Luiz Inácio Lula da Silva representa a exaltação nacional, a possibilidade de se construir um “Brasil forte e unido”.

KELH (1986) aponta que a Rede Globo de Televisão investiu nessa proposta de construção de uma nacionalidade forte e única. No telejornalismo da Rede essa proposta se consolida, se reconstrói e se fortalece a cada nova eleição, quando um novo “ungido” encarna as esperanças populares de construção de um país novo e melhor. O novo eleito se torna o portador de uma verdade, aquele que desfruta da fé popular e que por isso está habilitado a governar. Para ser digno dessa fé ele é alguém especial, que superou de forma exemplar as dificuldades da vida pessoal e política e que está sempre indo além de suas forças.

No caso específico das representações do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva essa construção ocorre na superação das origens humildes, do destino traçado da miséria do agreste nordestino, na capacidade de vencer os “radicais” do partido, em se tornar “reconhecido internacionalmente” apesar de tudo isso. Já vencedor, seu valor é novamente reforçado porque permanece indo além de suas forças, participando de todas as atividades apesar do cansaço, suportando e superando a dor da bursite.

Forte fisicamente, o “Presidente Lula” representado pela Rede Globo é frágil politicamente. Isto fica evidente nos lembretes de que o governo “não tem base no Congresso”. Também a representação dos novos ministros demonstra essa fragilidade. Para começar, como o novo governo “precisou fazer muitos acordos se eleger”, eles são muitos. Pior, nem todos são “sérios”. Ainda que de forma sutil, o telejornalismo da

Rede Globo rotula os novos ministros em três categorias. A primeira é a dos técnicos, dignos de confiança porque dominam um saber técnico. A Segunda é a dos políticos, que foram para o cargo em função de acordos e conchavos. Como “*Política normalmente é identificada a todo um repertório de golpes baixos. (...) A demagogia seria, em geral, a sua senha.*” (PARANHOS 1998, 51), não merecem confiança e tendem a prometer mais do que podem cumprir.

A terceira categoria são os “folclóricos”, e nela estão o Ministro da Cultura, Gilberto Gil – que além de “cochilar” nas solenidades oficiais se manifesta em uma língua estrangeira, o baianês ou zen-baiano, tema de uma matéria especial da emissora que inclui até mesmo a “tradução” de alguns termos. Também pode ser incluída nessa categoria a Ministra da Assistência e Promoção Social, Benedita da Silva, alvo de galanteios em função de “roupas coloridas” e que faz “calorosa manifestação de amor ao marido” durante a solenidade de posse, igualmente é destacada como algo fora do contexto. Não por acaso, os dois são negros.

Aliás, o discurso da cor não se limita apenas à questão racial. Para a Rede Globo de Televisão, no discurso da posse, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva substituiu “as cores do PT” (o vermelho) pelas cores do Brasil (verde e amarelo), mas escorrega nesse compromisso no dia seguinte, quando destaca a vibração do presidente recebendo de presente abotoaduras em forma de estrelas vermelha. Também é destacado o vestido vermelho da primeira dama e outras escolhas sutis de cores que identificam o novo governo com setores de esquerda.

No entanto, é nas relações de amizade do novo Governo que essas escolhas se consolidam. Embora não use a palavra “esquerda” ou comunismo e raramente se use a socialismo, nas representações da Rede Globo de Televisão governos e governantes são rotulados em função da militância¹⁰ política ou estudantil, da passagem pela política sindical e, sobretudo, no caso de dirigentes estrangeiros, do apoio ou simpatia ao governo norte-americano, que funciona como um “referencial de direita”. Nesse sentido merece destaque o fato de apenas um “representante dos Estados Unidos” ter comparecido à solenidade de posse, enquanto Fidel Castro é recebido para um churrasco (e fica “até” de madrugada) e Hugo Chaves o primeiro compromisso oficial do novo presidente. Amigos, talvez, mas sugerem o comprometimento da imagem do novo presidente: Fidel é esbanjador, distribui charutos para políticos e seguranças; Chaves é

¹⁰ Militância como algo fora da lei e diferente da ação política legítima

atrasado, compromete a agenda presidencial. Em comum, são excêntricos e, de muitas maneiras, folclóricos, além de não contar com a simpatia do governo norte-americano.

Em menor escala, a diferenciação direita/esquerda está presente também na exposição das manchetes dos jornais estrangeiros. Os jornais norte-americanos são mais ponderados, enquanto os europeus (cujos governos estão “mais a esquerda”) se mostram mais entusiasmados. Aliás, uma diferença que está menos no texto e mais na entonação dada à transmissão desses textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da relação do político Luís Inácio Lula da Silva e do próprio Partido dos Trabalhadores com a Rede Globo de Televisão certamente pode ir muito além dos limites estabelecidos para a elaboração deste artigo.

Respeitados esses limites, no entanto, algumas questões se tornam clara.

Durante pelo menos três décadas coube à Globo definir e traduzir para a população brasileira os fatos políticos e as situações de conflito em que estavam envolvidos os poderes que compõem o governo. Essa tem sido, por assim dizer, uma das missões assumidas pelo jornalismo da emissora.

Dados históricos indicam, no entanto, que o cumprimento dessa missão foi permeado pela defesa dos interesses da classe governante, com os quais, via de regra, os interesses da emissora se identificavam. A análise histórica igualmente mostra que os fatores que regem o funcionamento dessa estrutura não são “todo controladores”¹¹ e, por vezes, produziram resultados inesperados ou contraditórios.

De fato, a pressão e o interesse populares evidenciados na campanha “Diretas Já” fizeram com que, a partir do processo eleitoral (ainda indireto) para a eleição de Tancredo Neves, a Rede Globo de Televisão destinasse um espaço significativo (e quase sempre, recursos também significativos) para a cobertura das eleições em geral e, em particular, nas eleições presidenciais. O espectro sempre presente das ligações da Rede Globo de Televisão com o governo fez com que a emissora utilizasse nessas coberturas jornalísticas uma linguagem específica, que ao mesmo tempo agrega valor à ação do eleitor, trabalho no sentido de legitimar (HERMAN e CHOMSKY, 2003, 147) o processo eleitoral como um todo. Essa linguagem, que exhibe termos como “festa

¹¹ O termo é usado por HERMAN e CHOMSKY (2003, 12) para argumentar como os valores notícias e as rotinas de trabalho são filtros que atuam a favor do controle da mídia pelas classes dominantes.

democrática”, “amplo comparecimento às urnas” (como se no Brasil o voto não fosse obrigatório), não poderia ser diferente na disputa entre os dois candidatos finalistas do segundo turno (Serra e Lula), uma vez que qualquer mácula no andamento das eleições seria apontada como falha (intencional ou não) do presidente da época, Fernando Henrique Cardoso, e sua equipe.

Uma vez que investiu na legalidade da eleição, a Rede Globo não tem como deixar de festejar o vencedor e de acompanhar de perto seus momentos iniciais (ou acompanhá-lo até que a novidade se dilua em novos conteúdos). De fato, a Rede Globo de Televisão dedicou às cerimônias de posse do Governo Lula um espaço diretamente proporcional à expressiva votação recebida pelo candidato nas urnas.

A qualidade do material apresentado, no entanto, exige algumas considerações. A análise dos dados aponta que o jornalismo da emissora está aparentemente dividido entre os caminhos habituais de crítica ao candidato Luís Inácio e seu partido (PT) e uma postura mais otimista de louvor a um novo governo, cuja legitimidade foi explicitada nas urnas.

Essa divisão poderia expressar uma certa angústia da emissora, uma espécie de auto-análise e busca por novos caminhos. Examinando mais a fundo, no entanto, é possível notar que ela não tem esse caráter avaliativo. Da mesma forma, não se trata de um simples reflexo de uma postura de adesão imediatista a temas e abordagens que possam, de alguma maneira, satisfazer os desejos voláteis da audiência.

“Sabe-se, desde Freud, que as palavras não se usam de forma inocente e que carregam, em especial quando mais parecem naturais, pressupostos indiscutidos e, por isso mesmo, fortes” (RIBEIRO, 2000, 23). Assim, embora aparentemente marcadas pelos elogios, as ambivalências das representações da Rede Globo de Televisão na primeira semana do “Governo Lula” se revelam nos detalhes e apontam para a construção de um presidente ingênuo (o operário que substituiu o sociólogo; que veio de Caetés para o mundo), remodelado visualmente por uma equipe de marketing, que preocupa a equipe de segurança, pois a todo o momento se mistura com os fãs¹² (que pulam nos braços do presidente, fazem plantão, beijam, abraçam, teimam em tirar fotos,

¹² O próprio termo é pejorativo, pois não se trata de eleitores ou partidários, o que implicaria no reconhecimento de uma admiração política. Também convém lembrar que fãs são, em última instância, fanáticos, ou seja, incapazes de atitudes racionais e, portanto, a beira da loucura. Ao fazer essa classificação, portanto, a emissora desqualifica o admirador e, conseqüentemente, o objeto de sua admiração.

etc.). Um presidente cheio de boas intenções, mas em muitos pontos um amador, que nem sempre escolhe assessores “sérios” e é propenso a se relacionar emocionalmente com líderes de idéias “duvidosas”. Um presidente inexperiente que não sabe prever as dificuldades logísticas, como as que envolvem a proposta de levar os ministros a Guaíba (cidade onde pretendia lançar o projeto Fome 0), nas insinuações sobre a “enormidade da tarefa proposta” (tão grande que está fora do seu alcance) e com questionamentos sobre a organização interna do programa e a origem das verbas que irá financiá-lo.

Louvando e atirando farpas, a Rede Globo de Televisão utiliza um sistema quase perfeito de pensamento duplo orwelliano e segue sutilmente esquecendo as coisas que se tornam inconvenientes, mas retomando-as do esquecimento quando provam ter utilidade. Ou ainda, dando ao público o que ele quer ver e ouvir, mas, ao mesmo tempo, elaborando a mensagem (e a verdade) que lhe convém.

Referências bibliográficas

- ANÁLISE DE PROGRAMA. Boletim sobre a programação da Rede Globo distribuído pelas afiliadas aos anunciantes em potencial. Uberlândia: TV Integração, 1997.
- ARNT, Ricardo. A desordem do mundo e a ordem do jornal. In: NOVAES, Adauto. **Rede imaginária**. São Paulo: Cia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1991. pg.170-178.
- BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo**: uma análise do quarto poder em todas as suas formas. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BORELLI, Sílvia H. Simões; PRIOLLI, Gabriel (Coords.). **A deusa ferida**: porque a rede Globo não é mais campeã de audiência. São Paulo: Summus, 2000.
- BOURDIEU, P. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUCCI. Eugenio. O passado que convém. <http://www.rbc.org.br/globokane.htm>. **Atualização 31 Out. 02**. Acesso 22/03/2003.
- CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. São Bernardo do Campo, Umesp, 1998. (Tese, Doutorado em Comunicação Social)
- CARRARA & TONDATO. Anos 90: TV de sinal aberto busca seu caminho em tempo de TV por assinatura. In: REIMÃO, Sandra (coord). **Em instantes** - nota sobre a programação na TV brasileira (1965-1995), São Paulo: Faculdades Salesianas/ Cabral, 1997. pg.65-94.
- CARVALHO, Elizabeth et al. **Anos 70**: televisão. Rio de Janeiro: Europa, 1980.
- DINES, Alberto. O ano em que a mídia ficou pelada. **Observatório da Imprensa**. Disponível em <http://www2.uol.com.br>. artigos, pg.1. Acesso em 20 de dezembro de 1998.
- GANS, Herbert J. **Deciding what's news**: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Vintage Books 1978, [s. d.].
- HERMAN, Edward S. CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**. Política e poder econômico no uso da mídia. São Paulo: Futura, 2003.

KELH, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: COSTA, Alcir Henrique da, SIMÕES, Inimá Ferreira e KEHL, Maria Rita. **Um país no ar: a história da TV brasileira em 3 canais**. São Paulo: Brasiliense/ Funarte, 1986.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

LIMA, Maurício. O que é isso, companheiro? **Veja**. Ano 36, nº2, edição 1785. 15 de janeiro de 2003.

LOZANO, R. **La técnica del análisis de contenido en la investigación de la comunicacion de masa**. Apostila desenvolvida para a Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo, 1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos: comunicação e jornalismo**. São Paulo: Hacker, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo fin-de-siècle**. São Paulo: Scritta, 1993

MARQUES DE MELO, José. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Campanhas pelas diretas: conspiração do silêncio. **Boletim Intercom**. nº7, vol.46, São Paulo: Intercom, jan/fev 1984.

_____. **A telenovela da Globo - produção e exportação**. São Paulo: Summus, 1988.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: Ianamá, 2000. 344p.

NOGUEIRA, Armando. Palavras ao vento. **Revista Imprensa**. Ano IV, nº 37. set./1990 - pg.58-59.

PARANHOS, Adalberto. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.) **Introdução às Ciências Sociais**. 7 ed, Campinas: Papirus, 1998.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas de brasilidade. In: BUCCI, Eugênio; HAMBURGER, Esther (Orgs.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. pg. 13-24.

REDE GLOBO - Central de Jornalismo. **Vídeo de treinamento para repórteres das emissoras afiliadas**. Rio de Janeiro: TV Globo, 2001.

_____. **Manual de Redação da Central Globo de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1985.

_____. JN: história do programa. Disponível em <http://www.redeglobo.com.br>. Acesso em 2 ago. 1999.

REIS, Elisa P. Percepções da elite sobre a pobreza e a desigualdade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.5, n. 42, fev. 2000.

REZENDE, Guilherme Jorge. **O papel do código verbal no telejornalismo**. São João del-Rei: Funrei (original), 1997.

_____. **Perfil editorial do telejornalismo brasileiro**. São Bernardo do Campo, Umesp, 1998. (Tese, Doutorado em Comunicação Social).

RIBEIRO, Renato Janine. **A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

RODRIGUES, Marly. **A década de 80**. Brasil: quando a multidão voltou às praças. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker, 2000.

SIMÕES, Inimá. Nunca fui santa (episódios de censura e autocensura). In: BUCCI, Eugênio & HAMBURGER, Esther (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão**

brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. pg.65 - 94.

STRAUBHAAR, Joseph. O declínio da influência americana na televisão brasileira. **Comunicação e Sociedade**. nº 9, jun./1983.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Notícias e serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.

VIEIRA, S. M. **As seqüências telejornalísticas** (estudo descritivo do Jornal Nacional). São Paulo: PUC, 1992. (Dissertação, Mestrado).